

TRABALHO PARA O V CONVIBRA

Título do Artigo:

NA PRÁTICA, A TEORIA É OUTRA.

Nome do Autor/Filiação

MANOEL CRISÓSTOMO SILVA

UNINTER – CURITIBA/PR

Resumo:

Freqüentemente adotam-se no contexto das organizações discursos recheados de profissão de fé na concepção dos chamados “sistemas abertos”.

Só que entre o aceitar a formulação teórica do conceito de sistemas abertos e o assumir as implicações críticas, programáticas e comportamentais daí decorrentes, vai uma respeitável distância.

Palavras-chave:

Organizações, sistemas aberto e fechado, ambigüidade, conscientização, ação.

Abstract:

Discourses filled with good faith profession in the conception of the called “open systems” are frequently adopted in the organizations’ context.

But among accepting the theoretical formulation of the open systems and assuming the critical implications, programmatic and behavioral derived from these systems, there is a considerable distance.

Keywords:

Organizations, open and closed systems, ambiguity, breakthrough, action.

**NA PRÁTICA,
A TEORIA É OUTRA.**

**"O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se parte faz o todo, quando parte,
Não se diga que é parte sendo todo".**

(Gregório de Matos 1623/1696 - escritor e poeta barroco)

Freqüentemente adotam-se no contexto das organizações discursos recheados de profissão de fé na concepção dos chamados "sistemas abertos".

Só que entre o aceitar a formulação teórica do conceito de sistemas abertos e o assumir as implicações críticas, programáticas e comportamentais daí decorrentes, vai uma respeitável distância.

Uma coisa é dizer "eu creio". Outra, e bem diferente, é vivenciar a crença.

Não há quem negue existir uma permanente interação entre as organizações e o meio ambiente, na qual cada uma das partes é simultaneamente variável dependente, isto é, cada uma influencia e é influenciada pela outra. Não há quem desconheça a característica de reversibilidade das organizações, vale dizer: sua capacidade de crescimento, de transformação, de adaptação ao ambiente.

Não há quem, dotado de um mínimo de lucidez, pretenda obscurecer a contingência de ter de competir com outros sistemas, a que se submetem irrecorrivelmente as organizações.

Pois bem: tudo isso corresponde, em teoria, à concepção das organizações como sistemas abertos, naquilo em que diferem dos sistemas fechados, como ensina Kleber T. Nascimento, citado por Idalberto Chiavenato, in "Introdução à Teoria da Administração".

E na prática, como é que a coisa funciona?

Se observarmos detidamente (ou nem tão detidamente assim) o dia-a-dia da realidade empresarial, é possível que identifiquemos traços como:

. concepção em regras de funcionamento interno;

- . apologia exercitada (embora não proclamada e, às vezes, até veementemente negada) da eficiência interna, como critério primário da viabilidade organizacional;
- . ênfase em procedimentos;
- . importação incrítica de soluções e técnicas;
- . saque contra o passado (crença inabalável no valor da tradição, da força revitalizadora do nome, da imagem auto-renovável).
- . inadequação de resposta às necessidades do meio-ambiente.

Esses traços representam, nada mais nada menos, que a prática centrada em concepção de sistema fechado.

Portanto, o discurso é um; a prática, bem outra.

E da contradição entre o pensar e o agir organizacional podem resultar - e efetivamente resultam - conseqüências sérias para o sistema, as quais vão desde a indefinição da própria identidade institucional até a sinuosidade de sua linha de comportamento nas relações com a clientela, refletida nos problemas de atendimento.

Essa ambigüidade, sobre ser perniciososa, é deletéria.

Desde que constatada, deve ser eliminada.

Que as organizações são sistemas abertos, prova-o a evidência.

Sabê-las sistemas abertos não é tudo. O importante é agir em função dessa consciência.

Isso implica em:

- . reconhecer o dilema que se estabelece entre a natureza dinâmica do ambiente e a tendência estática da organização, e enfrentá-lo corajosamente;
- . admitir os riscos relativos à sobrevivência dos sistemas rígidos e buscar a flexibilidade e adaptabilidade indispensável a quem, como empresa, pretende perdurar no tempo;
- . assumir que, qualquer que seja a ramo da empresa, faz-se necessário garantir a absorção de seus produtos pelo ambiente;
- . conceber programas como operacionalização das demandas do meio e não como simples decorrência de necessidades internas;

- manter a organização sob permanente crítica para, se e quando necessário, repensar critérios, reformular estruturas, revisar métodos, recondicionar comportamentos, com vistas a eficácia.

Será que nós, como empresa, estamos nesse caminho?

Bibliografia:

BERTALANFFY, Ludwig. **Teoria Geral de Sistemas**. São Paulo: Atlas, 1980.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução a Teoria Geral da Administração**. São Paulo: McGraw Hill, 1992.

DRUCKER, Peter. **Administrando em Tempos de Grandes Mudanças**. São Paulo: Pioneira, 1995.

HAMMER, Michael. **Reengenharia**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

TAYLOR, F. W. **Princípios da Administração Científica**. São Paulo: Atlas, 1990.

TOFFLER, A. **A Empresa Flexível**. Rio de Janeiro: Record, 1985.